NOVELLAE OLIVARUM

ANO XVI NÚMERO 150 MARÇO 1958

VALOR DA PURIFICAÇÃO QUARESMAL — Fernando Micael 73

SACRAMENTOS PASCAIS — P.e J. A. de Sousa 77

PASTORAL DOS DOENTES 82

A MISSÃO DE MILÃO — Orlando Leitão 91

CRÓNICA — J. Pollcarpo 98

LIVROS NOVOS 100

«Comunicamos aos Ex.mos Assinantes que, brevemente, procederemos à cobrança relativa ao ano de 1958.

Muito agradecíamos que esta nos fosse enviada directamente».



NOVELLAE OLIVARUM

Director — JOÃO RODRIGUES
Redactores — HELDER VERÍSSIMO FRANCO — MÁRIO FERREIRA BACALHAU
Administradores — CARLOS ALBERTO SIMÃO — ANTÓNIO HENRIQUE OLIVEIRA
Proprietário e editor — ANTÓNIO DE JESUS ESCUDEIRO

REVISTA DOS ALUNOS DO SEMINÁRIO DE CRISTO-REI — OLIVAIS
COM A APROVAÇÃO DA AUTORIDADE ECLESIÁSTICA

Composição e impressão na Gráfica de Gouveia, Ld.ª — Gouveia — Telef. 13

Sociedade Industrial Metalúrgica

S. A. R. L.

SERRALHARIAS

Rua de S. Tiago, 13 — LISBOA

Missal Romano

Para todos os dias do ano, com sacramentário e devocionário em papel bíblia contendo 1250 páginas.

Preços:

Encadernação em percalina — 40$00
« « pergamóide 60$00
chagrin c/ folhas douradas — 110$00

Pequeno Missal

Para domingos e festas, com sacramentário e devocionário.

Preço:

Encad. em muito boa percalina — 20$00

Novo Testamento

Traduzido do grego e anotado pelo Cónego Dr. José Falcão — 40$00

Pedidos à União de São João
Gráfica de Gouveia L.da - GOUVEIA



Seminário do Espírito Santo—Carcavelos

mais uma grandiosa construção do mestre

Júlio Cismeiro

R. Pedro Ivo 1 - 1.º D.
LISBOA

em que intervieram os nossos serviços técnicos de Impermeabilização

CHALLENGE
e
SILEXORE

Duas marcas ao serviço da construção

Orçamentos grátis
Pedidos a:

V. T. Martins

Rua da Prata, 59-3.º Esq.
Telef. 23690 LISBOA

OURIVESARIA

ALIANÇA

Verdadeiro atelier de arte,
conhecido no País
e estrangeiro

✠

As mais especializadas oficinas
para a esmerada confecção
de todos os objectos
do culto católico

✠

Rua das Flores, 191-121—Porto
Rua Garrett (Chiado,) 50-Lisboa

C. SANTOS

LANIFÍCIOS

Sortido completo de lanifícios para o Rev.mo Clero, Seminaristas, Colegiais, etc.

Qualidades para todos os preços. Exclusivos — Secção de cachecois e lanifícios de côr

DESCONTOS E PRAZOS

COVILHÃ

União Gráfica

S. A. R. L.

Sede: Rua de Santa Marta, 48

LISBOA

Livraria — As últimas novidades literárias.

Tipografia — Execução perfeita de todos os trabalhos tipográficos.

Editorial — Numerosas obras de grande interesse. Editora dos apreciados romances de *Nuno de Montemor*.

Objectos religiosos—O maior sortido, aos mais baixos preços.

Paramentaria—Confecção de paramentos que se impõem pela sua qualidade e esmerado acabamento.

Proprietária do diário *Novidades*, da revista de actualidades *Flama*, do semanário *A Guarda* e da publicação bi-mestral *Selecção Documental*.

Cem anos!

VELAS DE CARDIGOS

J. d'Oliveira Tavares, Filhos

Telef. 5 — B. Baixa-CARDIGOS

✠

Primeiros fabricantes das velas de Cardigos cujas fábricas foram fundadas em 1850!

✠

Casa antiquíssima preferida pelo Ex.mo clero do Continente, Ilhas e Províncias Ultramarinas

✠

Premiada em 7 exposições
4 estrangeiras e 3 nacionais

VALOR

DA PURIFICAÇÃO QUARESMAL

O Natal e a Páscoa são as duas fases duma única e grande Realidade, as Missões Divinas que vieram criar no mundo o «homem novo».

Com o Natal, o Verbo torna-se um de nós. Vivemos a esperança do Messias confiando na promessa jurada por Deus. Aprendemos a confiar em Deus que é fiel a si próprio, a procurar apoio na sua firmeza, a desejar a chegada do seu Reino, da Sua Justiça. Deixamos os nossos caminhos, para correrm os pelos caminhos de Deus. Jesus, formado pelo Espírito Santo no seio de Maria, foi enviado. Ele é o Homem-Deus, é Ele quem nos revela o Pai. Todo o ciclo do Natal vive esta Missão divina, vive a alegria e a adoração, vive o grande sinal do amor de Deus pelo Seu Povo. O ciclo do Natal é a descoberta de Deus como Pai.

Na Páscoa celebra-se o mistério da nossa santificação, acabando por atingir-se de novo a Deus como termo de toda a vida divina de que nós participamos.

Daqui a circularidade de toda a vida litúrgica, pois toda ela roda sobre a realidade única de Deus que vem para nos fazer viver a Sua vida. Toda a liturgia afinal é a vinda de Deus para nos levar até Si.

Porque no ciclo da Páscoa celebramos precisamente a Redenção operada por Cristo mediante a Sua Paixão e Ressurreição, é este tempo que dá o tom a todo o Ano Litúrgico.

S. Paulo aponta o sentido da nossa regeneração interior quando diz «vós fostes lavados, vós fostes consagrados, *fostes justificados em nome do Senhor Jeus Cristo e pelo Espírito do nosso Deus» I Cor. 6/11.*

A regeneração exige antes de mais a atitude do Natal, a aceitação de Jesus como enviado, a fé em Cristo, o reconhecimento de Deus pelas suas obras «Nós porém, é pelo espírito baseado na fé que esperamos a esperança da justiça» Gal. 5/6.

Porque a regeneração é dom de Deus, é fruto da operação em nós da graça santificante, é fruto da missão divina, ela exige a nossa adesão plena a Cristo total como ponto de partida. Por isso vivemos a esperança do Redentor, por isso adoramos Jesus no presépio e O aceitamos na Epifania como enviado do Pai, como Salvador, como Filho de Deus.

Mas «a fé é activa pelo amor». A nossa adesão vai para além da inteligência, ela exige a nossa incorporação em Cristo. Só formando com ele um só Corpo nos podemos consagrar à glória de Deus. A vida de consagração, é uma vida essencialmente eclesial, porque vida em Cristo. *Por isso a liturgia realiza em nós esta consagração de maneira excelente, enquanto celebra em graus diversos a nossa incorporação em Jesus. É porque Jesus é a cabeça da Igreja, que nós podemos fazer obras de justiça. «Todos pecaram e estão privados da glória de Deus — e são justificados pelo favor da sua graça em virtude da redenção cumprida em Jesus Cristo» Rom. 3/23-24.*

É por Cristo ser Cabeça da Igreja que tem sentido a nossa caminhada para o Pai. S. Paulo vai mesmo mais além: «se alguém existe em Cristo é uma nova criação», II Cor. 5/17.

Esta frase dá-nos a chave de toda a Quaresma. Todos sentimos que nos é insuficiente a dor dos pecados. Sabemos como têm de se exercer em nós as virtudes teologais para ficarmos regenerados. Temos de acreditar, de esperar, de amar. Sentimos que sermos regenerados é uma realidade mais profunda que a nossa dor, ou uma simples declaração de que algo foi perdoado. Regenerar-se, é viver uma outra vida, é viver a outra vida.

Aliás quem não sentiu ainda a ineficácia das suas obras pessoais se elas não tiverem outra força que as vivifique? Quem não sentiu ainda o seu nada diante de Deus? Quem não viu que Deus Filho foi enviado para nos transformar nesta nova criatura, para nos transformar em Si?

«Nós nos gloriamos nas tribulações, sabendo que a tribulação produz a constância, a constância uma virtude experimentada, a virtude experimentada a esperança. E a esperança não é descoroçoada, porque o amor de Deus foi derramado em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado». Rom. 5/3-5. O Espírito é fonte da nossa reconciliação, Cristo é a razão de ser das nossas obras.

«É pela graça que vós sois salvos mediante a fé. Esta salvação não vem de vós, é um dom de Deus; não vem das obras porque ninguém tem o poder de se glorificar». Ef. 2/8-9.

A morte e a ressurreição de Jesus são o grande sinal da vida da Igreja, e portanto da nossa vida. Sinal para a fé, sinal para as obras, sinl em toda a obra da redenção.

A fé é um acto pelo qual o homem se entrega a Deus, ao mesmo tempo verdade e bondade, como à fonte única de salvação. «Guardemos indefectível a confissão da esperança, porque o que prometeu é fiel» Heb. 10/23. Depois da longa preparação do A. Testamento, tendo Deus falada por Seu Filho, é nEle que é preciso acreditar, depois dEle no Kérigma *do Evangelho anunciado pelos Apóstolos, a saber, que Deus ressuscitou Jesus dos mortos e o fez Senhor. Basta reparar no sinal que a morte e ressurreição de Jesus são ainda, para a credibilidade na mensagem*

pregada pelos Apóstolos, por exemplo o discurso de S. Pedro no Pentecostes (Ac. 2/22 ss), o de Antioquia da Pisídia (Ac. 13/27-37).

Contudo a Paixão e Ressurreição de Jesus trazem consigo o facto de Deus Pai ter oferecido através dEle a vida a todos quantos nEle acreditarem. «Jesus Nosso Senhor, entregue por causa das nossas faltas e ressuscitado por causa da nossa justificação». Rom. 4/25.

Incorporados em Cristo temos de morrer e ressuscitar. «Compreendamo-lo; o nosso velho homem foi crucificado com Ele para que fosse destruído este corpo de pecado, a fim de que nós deixemos de estar escravizados ao pecado». Rom. 6/6.

A destruição do nosso corpo de pecado não significa um combate entre a alma e o corpo, mas sim a destruição de tudo o que em nós, corpo e alma, há de oposto ao «Espírito» de Deus.

É este o sentido de toda a ascese quaresmal, a destruição em nós do que se opõe à acção do Espírito Santo, de tudo o que impede a nossa adesão ao Deus Enviado, à missão divina que nos toma e nos eleva para Deus, para vivermos a vida de Deus. A vida, e vida com Cristo, é a finalidade de toda a mortificação. «Se somos mortos com Cristo, acreditamos que vivermos também com Ele, sabendo que Cristo uma vez ressuscitado dos mortos não morre mais, que a morte não mais exerce poder sobre Ele. A Sua morte foi uma vez por todas, morte para o pecado. E vós próprios considerai-vos como estando mortos para o pecado e vivos para Deus em Jesus Cristo». Rom. 6/8-11.

É perfeita esta nossa inserção nos mistérios de Cristo. Nós estamos «plantados» nEle, na sua morte e ressurreição. As nossas obras não valem pela sua força mas enquanto testemunham a nossa fidelidade e significam a nossa inserção voluntária na morte e ressurreição de Cristo. Valem enquanto de algum modo são obras de Cristo. É que nós «pelo baptismo fomos sepultados conjuntamente com Ele na morte, a fim de que como Cristo ressuscitou dos mortos pela glória do Pai, assim também nós vivemos uma vida nova». Rom. 6/3-4.

É porque fomos baptizados, incorporados em Cristo, que a morte e ressurreição se podem realizar em nossas vidas. Outro não é o sentido do Mistério Pascal e da sua celebração começada na Septuagésima. Tempo de penitência, tempo de vida cristã intensa, tempo de preparação.

Todas estas semanas se projectam sobre a Semana Santa, a semana do triunfo de Cristo, do Mistério Eucarístico, da celebração pascal da morte e ressurreição do Senhor, da consequente renovação das promessas do nosso baptismo.

Os quatro grandes valores da Quaresma são deste modo, por um lado a celebração eucarística, por outro a penitência, a preparação para o baptismo, ou para renovar as suas promessas, e finalmente a vida da esperança do mistério Pascal.

A Quaresma sempre foi o tempo do ano com maior frequência de celebração da S. Missa. Ainda hoje possui missas próprias para cada dia.

Se atentarmos nos efeitos da Eucaristia logo percebemos a sua função de nos inserir mais perfeitamente em Cristo. É por excelência o sacramento da construção do Corpo Místico, da sua vitalidade, da sua união. O Sacrifício de Cristo presente em cada dia da Quaresma é a grande fonte do espírito quaresmal, a grande regeneração, o sinal quotidiano da nossa morte e ressurreição em Cristo. Dá a impressão de a frequente celebração da S. Missa ser até a prática fundamental da Quaresma.

A penitência quaresmal destina-se a realizar em nós cada dia a morte do «homem velho». É a nossa fidelidade à graça de Deus, eleminando em nós tudo o que se opõe à efectivação da vida de Deus, a uma vida de fé, de esperança, de caridade, ao exercício das virtudes infusas, à actividade dos dons do Espírito Santo. A penitência tende a destruir tudo o que se opõe à nossa identificação com Cristo, à vida segundo o Espírito Santo. Não é trabalho de ascese natural, antes correspondência nossa à acção do dom de Deus que fecunda a nossa vida.

A toda a Quaresma preside enfim, o espírito pascal, o da morte e ressurreição de Cristo na Semana Santa de cada ano. É um caminhar para a glória do Pai.

Deste modo se compreende a insistência da S. Igreja por que durante a Quaresma se iniciem os fiéis por meio de oportuna doutrinação, nos mistérios pascais (1).

Não se trata duma sobreposição de temas, nem de uma acumulação. Diria até, que a Quaresma não tem um valor em si. Vive-se preparando a Páscoa.

Vale a pena meditar no valor pascal da nossa Quaresma, que não é só fruto das nossas obras, antes é vivificada pelo dom de Deus.

FERNANDO MICAEL

---

(1) *Cf. os documentos que introduzem o «Ordo Hebdomadae Sanctae Instauratus»*

SACRAMENTOS PASCAIS

Uma grande certeza enche a história da humanidade: Deus tomou a iniciativa da nossa salvação. Querendo salvar-nos, não nos abandonou às nossas minguadas possibilidades naturais; muito pelo contrário, veio ao nosso encontro, em gesto de amor, com o tesouro dos Seus dons, afim de nos tornar participantes das insondáveis riquezas de conhecimento e amor que traduzem a vida trinitária.

Esta intervenção de Deus na história humana, transmudada agora em história divina, está ilustrada pelo conjunto de «obras divinas» de que nos fala a Bíblia, desde o Géneses ao Apocalipse. Dentre elas destacam-se, como pontos de referência do plano da salvação, a aliança com Abraão, a libertação de Israel, a habitação de Deus com o Seu Povo no templo de Jerusalém, e sobretudo a Incarnação Redentora de Cristo, continuada no «Tempo da Igreja».

A inauguração da economia cristã no Pentecostes marca uma nova fase na história da salvação. As promessas vai seguir-se a posse, em plenitude, dos dons divinos. As «obras de Deus» em favor do homem continuam-se na Igreja, — última fase terrestre da realização histórica do Reino de Deus. O carisma da infalibilidade, a santificação das almas e muito particularmente os ritos sacramentais são outras tantas acções divinas em ordem à salvação, até se atingir a perfeição em número e santidade dos membros do Corpo Místico (1).

Mas a Igreja não é mais do que o prolongamento do mistério de Cristo no tempo e no espaço. O Verbo Incarnado realizou, em plenitude, os planos de Deus para a salvação, pela sua palavra, pelos seus milagres, pelos seus sofrimentos, por todos os seus gestos santificadores. E todos estes actos foram «sinais eficazes» do mistério da salvação, cuja «economia» foi confiada à Esposa de Cristo para que dele beneficiem todos os homens, integrando-os na Nova Aliança com Deus. Ora é pela vida sacramental que a Igreja faz reviver em cada homem o mistério da salvação, que afinal foi o mistério da Vida, Morte e Ressurreição de Nosso Senhor Jesus Cristo, sob cuja autoridade de Chefe aprouve a Deus «reagrupar» toda a humanidade dissociada pelo pecado (Eph, I, 10).

Dentre os Sete Sacramentos da Igreja, fácil é verificar que alguns são por excelência sacramentos da Redenção, porque neles se resume todo o mistério de Cristo. Queremos referir-nos aos Sacramentos ditos da «iniciação cristã», — o Baptismo com o seu complemento que é a Confirmação, e a Eucaristia, — sacramentos que são como que tanto o fundamento como o coroamento de todo o edifício sacramental, e que por isso mesmo constituem o centro do culto litúrgico e de toda a vida cristã (2).

---

(1) Cfr. J. Daniélou, *Dieu et nous*, Paris, 1956, pg. 101-102.
(2) Cfr. *Initiation théologique*, IV, p. 415.

Não admira pois que no pensamento da Igreja haja íntima afinidade entre estes sacramentos e o mistério pascal, como o comprova a história dos ritos da «iniciação» à vida cristã nos velhos tempos da cristandade (3).

Mas a Páscoa é mistério celebrado para todos os filhos da Igreja e não apenas para os neófitos. Não admira por isso que ao lado de uma preparação dos catecúmenos para o Baptismo, Confirmação e Comunhão, haja a notar uma outra preparação dos adultos já baptizados mas inevitàvelmente atingidos de novo por faltas mais ou menos graves, em ordem a uma vivência cada vez mais perfeita do mistério da salvação. Se o Baptismo e a Confirmação se devem considerar a iniciação normal para a Eucaristia, a Penitência Sacramental sempre constituíu a restauração desta iniciação, ou, melhor diríamos, uma segunda iniciação para o cristão que atraiçoou as suas promessas de fidelidade. Daqui nasceu a praxe da Confissão e Comunhão Pascais, que se tornou lei da Igreja no quarto Concílio de Latrão, celebrado em 1215.

As reflexões que vão seguir-se não têm outro objectivo que não seja o de fundamentar na teologia do mistério pascal os venerandos ritos da «iniciação cristã», quer se trate da primeira iniciação, quer da restauração desta iniciação pelo Sacramento da Penitência, para assim melhor compreendermos alguns aspectos pastorais da celebração da Páscoa, como sejam a renovação das promessas do Baptismo no Sábado Santo e a obrigação de receber a Eucaristia neste ciclo do ano litúrgico, após a devida preparação penitencial.

*

Advirtamos antes de mais que ao falarmos de Páscoa, de mistério pascal, não nos referimos apenas ao domingo de Páscoa, mas a todo o conjunto de mistérios que precedem ou seguem este domingo, ou seja, ao que em linguagem litúrgica se chama *ciclo pascal.*

Que é então a Páscoa? Na segunda leitura do Ofício de Sexta-feira Santa ouvimos a Igreja proclamar que a Páscoa é a «*passagem* do Senhor» (Ex. XII, 11). Importa repor o texto no seu enquadramento histórico para compreender de que *passagem* se trata, segundo o sentido literal do texto citado, para depois determinarmos qual o seu alcance típico.

Na referida leitura se conta como o Senhor deu ordens ao povo israelita, então escravizado no Egipto, para aspergir com o sangue de um cordeiro a verga e as ombreiras da porta de suas casas, porque o Anjo exterminador passaria ferindo os egípcios e poupando as casas marcadas com o sangue do cordeiro. Este rito devia ser anualmente celebrado pelos judeus como sua Páscoa, afim de evocarem tal passagem do Anjo exterminador que semeou a morte nas casas dos Egípcios, bem como a passagem dos Israelitas pelo Mar Vermelho que sepultou no seu fundo os exércitos dos Faraós. Dupla passagem que afinal se resume numa só: passagem da escravidão à liberdade, da morte do cativeiro à vida de independência na Terra da Promissão.

O sacrifício pascal dos judeus era, pois, o sacrifício da libertação, a solenidade instituída para comemorar por todo o sempre o fim de uma dura escravidão e o começo de uma era de liberdade, garantida pelo sangue do cordeiro.

---

(3) A este propósito pode ler-se L. Bouyer, *Le mystère pascal,* Paris.

Mas esta Páscoa judaica não passava de figura de realidades vindouras mais sublimes, conforme ensina S. Paulo. É que o verdadeiro Cordeiro Pascal, explica o Apóstolo, é Jesus Cristo sacrificado pela nossa salvação (cfr. 1 Cor. V, 7). Por isso, se para os judeus a Páscoa era Redenção figurada na saída da terra do Egipto, para Cristo a Páscoa é a Redenção realizada, páscoa que é também uma dupla passagem: *passagem da vida à morte,* em Sexta-Feira Santa, no madeiro da cruz; e *passagem da morte à vida,* na manhã do Domingo da Ressurreição.

No «tempo das figuras», coube aos Israelitas passar da escravidão à liberdade pelas águas do Mar Vermelho. Mas uma vez que chegou o «tempo da verdade», eis que o sentido profundo desse acontecimento histórico se encontra na passagem de Cristo da vida mortal para a vida gloriosa através do mar vermelho do Seu sangue, afim de merecer para a Sua Humanidade os esplendores da glória divina, e para nós, Seus membros místicos, a libertação do jugo de Satanás e a graça da adopção de filhos de Deus.

Ora é esta Páscoa de Jesus que nós agora no «tempo da Igreja» celebramos em ordem a fazê-la *nossa Páscoa,* aplicando os seus frutos às nossas almas. É que também nós devemos efectuar uma dupla passagem, em ordem à inserção no mistério da salvação que está em Cristo: passagem da vida à morte, — morte para o pecado, para o «homem velho», o «homem de pecado», segundo a expresão de S. Paulo; e passagem da morte à vida, — vida para Deus pelo dom da graça que Cristo nos mereceu e em nós infunde na medida em que nos incorporamos n'Ele.

Comemorar a Redenção tornando-nos participantes dela, eis o objectivo do Mistério Pascal, que não nos faz celebrar uma fria representação de actos que pertencem ao passado, mas realidades sempre vivas e operantes, como exemplos magníficos de perfeição cristã e fontes de graça, pelos méritos inesgotáveis do Salvador.

Não há verdade em que S. Paulo mais tenha insistido do que nesta: os mistérios de Jesus Cristo são também nossos, porque no plano divino fazemos um só com Ele, chamados como fomos à comunhão com Ele (cfr. I Cor. I, 9). Para o Apóstolo, a vida cristã é vida em Cristo e com Cristo, vida de solidariedade com Jesus, tanto na Sua Morte como na Sua Ressurreição gloriosa: «Deus, rico como é em misericórdia (...), ainda quando estávamos mortos pelo pecado, vivificou-nos com a vida de Cristo, ressuscitou-nos com Ele, e juntamente com Ele sentou-nos nos Céus, em Cristo Jesus», já que também com Ele morremos e fomos sepultados (Eph. II, 5-6; Rom. VI-4).

Todos os homens ficaram atingidos por esta comunhão inicial ou objectiva na morte e na vida do Senhor Jesus. Para a tornar actual e pessoal ou subjectiva, há que renovar misticamente em cada alma o que outrora se realizou na pessoa do Redentor, pela celebração do Mistério Pascal. Ora é sobretudo mediante os chamados «Sacramentos da Páscoa» que a celebração do Mistério Pascal produzirá frutos de santidade, quer conferindo a primeira santificação, quer restaurando a graça perdida pelo pecado.

Já vimos como em outros tempos mandavam os Concílios que nos fim da Quaresma fossem administrados aos catecúmenos o Baptismo, a Confirmação e a Eucaristia, e se reconciliassem os cristãos penitentes pela absolvição sacramental.

O *Baptismo* é o sacramento pascal por excelência. Segundo o ensino de S. Paulo, ele é morte e ressurreição em Cristo: «Porventura desconheceis que, baptizados em Cristo Jesus, foi na Sua morte que todos nós fomos baptizados? Porque

na verdade fomos sepultados com Ele pelo Baptismo na morte, afim de que, como Cristo ressuscitou dos mortos pela glória do Pai, também nós caminhemos em novidade de vida» (Rom. VI, 3-4). Por detrás da doutrinação do Apóstolo adivinha-se o rito baptismal da imersão, que estava em uso na primitiva Igreja, e que de si é bem apto para significar o simbolismo da morte e ressurreição em Cristo. Não é por isso de estranhar que desde os mais remotos tempos se procedesse à administração do Baptismo na Noite Santa da Páscoa: noite histórica, durante a qual os filhos de Israel sairam do Egipto; noite de vitória, em que Cristo ressuscitou do sepulcro; noite simbólica, em que as trevas se dissipam pela luz de Cristo na iluminação do espírito pela fé recebida da Igreja no Baptismo.

Logo a seguir se administrava a *Confirmação,* sacramento que completa a graça do Baptismo por nos conferir a plenitude do Espírito Santo em ordem a assumirmos oficialmente as nossas responsabilidades de membros da comunidade cristã. E finalmente recebia-se a *Eucaristia,* o sacramento dos sacramentos por ser o centro, a consumação e o termo de todos os demais sacramentos, a perfeição consumada da vida sacramental e portanto o centro da própria vida cristã (4). É certo que todos os sacramentos produzem a graça da união com Cristo. Mas a Eucaristia tem como efeito directo a incorporação total do homem em Cristo. Por isso mesmo escreve S. Tomás que ela é a consumação da vida espiritual, o fim de todos os outros sacramentos, já que a santificação parcial de cada um deles não é mais do que preparação para a total santificação implicada na sublime incorporação em Cristo pela Eucaristia (III, 9.73, a. 3).

Quem não verá portanto que a Comunhão Eucarística é o grande sacramento da Redenção, o símbolo perfeito da inserção em Cristo e o veículo por excelência da participação nas graças da Redenção? Não é ela a participação completa do Sacrifício do Calvário, tornado presente no altar? A recepção da Eucaristia surge assim como o grande meio para fazermos nossa a Páscoa de Cristo. Iniciámos pelo Baptismo a participação nos frutos da Redenção; intensificámo-la na Confirmação; levamo-la ao apogeu cada vez que nos abeiramos da mesa eucarística.

O rito da «iniciação cristã» com o Baptismo, a Confirmação e a Eucaristia, caíu em desuso na Igreja latina, embora ainda seja corrente na Igreja oriental. Mas nem por isso deixaremos de valorizar os poucos vestígios que de tão veneranda e significativa tradição nos conserva a celebração do Mistério Pascal. Assim, por exemplo, convém dar o maior relevo possível à *renovação das promessas baptismais* na Santa Vigília da Páscoa, procurando que tal cerimónia seja como que uma evocação do Baptismo e da Confirmação.

Muito convém igualmente que se guardem os *Baptismos de adultos* para este dia, sobretudo nas cidades episcopais, onde é possível realizar o esquema tradicional da «iniciação cristã», desde o Baptismo até à Confirmação e à Eucaristia sob a presidência do Bispo (cfr. c. 772). É que é do máximo interesse pastoral reencontrar inte-

---

(4) Sobre estes elementos históricos A. Croegaert ,*Les cérémonies du Baptême et de la Confirmation,* 1943.

gralmente e manifestar condignamente toda a admirável riqueza destes sinais sacramentais (5).

Nesta mesma linha se impõe fazer uma doutrinação a respeito da *Comunhão Pascal,* toda à base da teologia do Mistério Pscal e da nossa participação n'Ele pela completa incorporação em Cristo Redentor.

Mas falar da Comunhão Pascal é abordar também a necessidade da *Penitência,* que é como que uma restauração da iniciação na vida sobrenatural para os cristãos. Porque infelizmente acontece que a graça recebida no Baptismo e robustecida na Confirmação é tantas vezes destruída pelo pecado, aí temos o Sacramento da Penitência, autêntico Sacramento da reparação para o espírito atingido pela lepra do pecado, e instrumento portanto da reconciliação com Deus e com a Igreja.

Daqui nasceu o antigo costume de dedicar a Quaresma às práticas de penitência, em ordem a preparar os pecadores para a reconciliação sacramental em Quinta-Feira Santa, ainda hoje chamada por isso Quinta-Feira de Endoenças, termo que é derivação de «indulgências».

Deste modo todos os cristãos, tanto os recém-regenerados pelas águas do Baptismo como os purificados pelas lágrimas da penitência, eram convidados a entrar em comunhão mais íntima com o Senhor pela recepção da Eucaristia.

Já desapareceu da liturgia da Páscoa a comovente cerimónia da reconciliação pública dos penitentes mas dela é clara e preciosa reminiscência o preceito da Confissão pascal (6). E aqui está mais um ponto que deve merecer cuidada doutrinação da parte dos pastores de almas: urge que se veja neste preceito, não um fardo imposto pela Igreja aos fiéis, mas o grande meio de nos reconciliarmos com o nosso Deus e Senhor afim de sermos admitidos à participação sacramental do mistério da Redenção, misticamente renovado no altar.

O mistério da Páscoa é o mistério da Redenção, que se traduziu para Cristo na «passagem» da vida mortal à glória do Pai, e que para nós se concretiza em morte para o pecado pelo Baptismo ou pela Penitência, e em vida de santidade pela Comunhão Eucarística. Óptima ocasião é pois a quadra pascal para expor aos fiéis a autêntica teologia destes sacramentos, que tanto podem ser ditos «sacramentos da inicação» como «sacramentos pascais», segundo a antiga liturgia da celebração anual da Páscoa, que é bem o centro de todo culto cristão.

P.e J. A. DE SOUSA

---

(5) Cfr. *Initiation théologique,* IV, p. 555.

(6) Mas é interessante notar que ainda se encontra no Pontifical o ritual desta reconciliação dos penitentes.

PASTORAL DOS DOENTES

A Pastoral de hoje desdobra-se em inúmeros aspectos que manifestam a vitalidade dos meios de que a Igreja dispõe para chamar a si ou ir ao encontro de todos os homens.

Situa-se nesta linha o cuidado e o carinho da Igreja para com aqueles que de qualquer modo sofrem. É que só Ela lhes pode dar uma resposta que satisfaz o espírito humano, frente ao mistério da dor e simultâneamente levar toda a pujança de auxílio sobrenatural aos gravemente enfermos.

Só a Igreja pode enriquecer de sentido cristão os males que atormentam a humanidade.

É certo que a doença é um mal. Segundo um autor moderno, ela é a própria evidência de que existe o mal. A fé acrescenta — que a dor, tal como a guerra, a fome e quantos males atingem a humanidade, é uma consequência do pecado. Isto di-lo a Revelação, de que a Igreja é fiel depositária.

De resto a solução trazida pelas religiões e filosofias ao problema da existência do mal, do mundo que Deus criou, é vazia de conteúdo, porque o mal não é algo de positivo, é negação.

Por isso, a única perspectiva perante os males dos homens que sofrem é a de Deus. Essa a que a Igreja leva até junto dos membros sofredores do Corpo Místico. Por um lado, porque é à luz da Revelação que se consegue apreender a génese profunda do mal. As páginas da Bíblia Sagrada, logo no início, trazem-nos a ideia de que houve alterações por parte dos homens no plano estabelecido por Deus. No começo viu Deus que tudo era bom (Gén. 1, 10), mas logo a rebelião, voluntária e livre, dos anjos primeiro, do homem em seguida, é fonte do pecado e suas consequências. Assim surgiu o mistério do mal, ligado ao mistério do homem que queria ser como Deus. Logo o pecado e sofrimento entraram e para sempre permaneceram de mãos dadas, intrinsecamente relacionados entre si. Daí para o futuro, em todos os tempos, a humanidade inteira sofrerá, porque a humanidade toda será, por sua vez, pecadora. Todavia esta inseparabilidade não significa que o mal seja, num determinado indivíduo, fruto do seu pecado pessoal. Os homens sofrem, porque estão integrados numa humanidade pecadora.

Doutro modo, não se compreende como a Escritura Santa possa falar do sofrimento dos justos que muitas vezes pagam pelo pecador.

E na mesma ordem de ideias, como poderia Cristo sofrer e morrer, Ele, a quem jamais se poderia arguir de pecado? O Mestre confirma-o com as palavras que se lêem em S. João (9, 1-3): «Ao passar viu Jesus um cego de nascença. Interrogaram-nO, então, os seus discípulos nestes termos: — Rabbi, quem pecou, ele ou os seus pais, para ter nascido cego? Jesus respondeu: nem ele pecou nem seus pais. Foi para nele se manifestarem as obras de Deus».

Por outro lado, a Igreja leva ao doente, não uma explicação, mas uma resposta, viva e concreta, para a dor e angústia (que é a consciência reflectida da dor) que prostram os homens.

Essa resposta é a própria Pessoa de Cristo, que trilhando os caminhos da humanidade pecadora, tomou os nossos sofrimentos e os ofereceu ao Pai, para resgate do grande pecado. Unido aos sofrimentos e à morte de Cristo, o sofrimento humano torna-se mérito para o homem. No Calvário, a dor atingiu um novo valor — valor social e uma nova dimensão — a de ser instrumento de reparação pelo pecado.

«Deus — escreve Paul Claudel — não veio suprimir o sofrimento, não veio mesmo justificá-lo, veio, sim, enchê-lo com a Sua Presença».

É esta Presença de Cristo no sofrimento, que a Igreja continua. É por ela que se justifica a Pastoral dos doentes.

Primeiro, a Igreja continua a sentir pelos enfermos, a mesma solicitude de Cristo Em cada página do Evangelho, ao longo de todo o ministério de Jesus, os cegos, mudos, leprosos, paralíticos, todos os que sofrem, são objecto da misericórdia do Mestre. «Todos os que sofriam, das mais diversas doenças, narra S. Lucas (3, 40) eram conduzidos diante d'Ele. E Ele impondo as mãos sobre cada um, os curava».

Diante da extensão que as curas ocupam nas narrativas evangélicas— uma conclusão se impõe: elas são um dos elementos mais importantes da missão de Jesus, no meio de nós. Sarando os corpos, o Senhor Jesus provou que tinha poder para curar as almas. Todavia pode dizer-se que a plenitude da salvação está na restauração do corpo e da alma, ambos atingidos pelo pecado. Jesus é assim o verdadeiro salvador do homem total. Restaurando a natureza, Ele promete finalmente a vida eterna ao nosso corpo glorioso, após a Ressurreição.

Curando os corpos e as almas, inclinou-se sobre as enfermidades dos homens, tomou-as sobre si e na oferta que delas fez ao Pai, deu-nos a certeza de que todos os membros sofredores da sua Igreja, sofrem em união com Ele.

Depois o Mestre foi mais longe. Quis perpetuar a sua acção e o seu poder sobre as doenças. Para isso, instituiu para conforto espiritual e corporal dos doentes o Sacramento de Santa Unção.

E assim como a Sua pregação chega até nós por meio da Igreja e do mesmo modo que a Igreja renova o Sacrifício da Redenção, assim em cada dia a solicitude de Jesus para com os enfermos se manifesta no meio de nós pela Igreja.

Os Actos dos Apóstolos manifestando claramente a acção do Espírito Santo na Igreja nascente, dizem-nos do amor da comunidade cristã, para com os doentes. O próximo era de um modo especial, cada um dos membros da comunidade que sofria. Aliás, não eram passados muitos anos sobre a palavra do Senhor na parábola,do Samaritano. Nessa altura, repetem-se em relação aos apóstolos, as mesmas cenas do Evangelho: colocam-se os doentes nas bermas dos caminhos para que a passagem dos apóstolos, em especial de Pedro, os cure, ao menos com a sua sombra (Act. 5/15).

A Igreja continua, ainda hoje, a mesma acção divina para com os doentes. Dois aspectos definem, a missão de Presença da Igreja junto dos enfermos: A VISITA LITÚRGICA e a administração do SACRAMENTO DA CURA — A SANTA UNÇÃO.

I) A VISITA LITÚRGICA

Deve ser algo diferente das simples visitas ordinárias, de amizade, cortesia, ou em ordem à confissão e comunhão. No Ritual dos doentes ocupa lugar de relevo, e prevê-se que no cumprimento deste grave dever, o sacerdote ou quem o substitui celebre na presença do doente, uma verdadeira cerimónia litúrgica. Na verdade o esquema que apresenta é verdadeiramente a liturgia da palavra a que o enfermo não pode assistir na igreja paroquial. O Ritual propõe que se leia ao doente algumas cenas do Evangelho e se recitem alguns salmos. Deixa livre a escolha de textos mas apresenta alguns.

Poder-se-ia ordenar esta cerimónia do seguinte modo.

Após umas palavras de conforto para dispor bem o doente e todos os que se encontram junto dele, o Padre (ou quem o substitua) falará no sentido do sofrimento e do seu valor perante Deus e a vida eterna. Daria em seguida o significado da cerimónia: isto é, implorar de Deus que nos conforte na tribulação mostrando a nossa confiança no seu poder.

CERIMONIAL DA VISITA LITURGICA

ORAÇÕES PREPARATÓRIAS

— Em Nome do Pai..
— O nosso auxílio está no Nome do Senhor
Que criou o Céu e a Terra.
— Senhor, tende piedade de nós
Jesus Cristo tende piedade de nós
Senhor tende piedade de nós.
— Pai Nosso...
— Dominus vobiscum... R. Et cum spiritu tuo.

LEITURAS

Continuação do Santo Evangelho segundo S.,
Mateus, 8/5-13 (a cura do servo do Centurião de Cafarnaúm)
Marcos, 16/9-19 (a cena em que os Apóstolos recebem de Jesus o poder de impor as mãos aos doentes).
Lucas, 4/38-40 (visita de Jesus à sogra de S. Pedro que estando doente foi curada)
João, 5/1-14 (a cura do paralítico).

(Escolher-se-ão os textos que melhor se adaptem às circunstâncias).

SALMOS DE CONFIANÇA:

Salmos 6 — A prece do justo no meio da provação
19 — Yahvé, Sol de Justiça
14 — A morada de Yahvé
90 — Oração de Moisés sobre a fragilidade humana.

85 — Oração de David na provação.

Inclinai, Senhor, o vosso ouvido, escutai-me,
pois sou desvalido e pobre.
Guardai a minha alma, pois sou fiel
salvai o vosso servo que em Vós confia.

Vós sois o meu Deus, tende piedade de mim, Senhor
É a Vós que clamo todo o dia
alegrai a alma do vosso servo
Para Vós, Senhor, elevo a minha alma.

Senhor, sois perdão e bondade
cheio de amor para com todos os que Vos invocam
Senhor ouvi a minha oração
e atendei a voz do meu pranto.

Nos dias de angústia, eu Vos invoco
porque, Vós me respondeis, Senhor.
Não há outro Deus, senão Vós,
e nada que se assemelhe às vossas obras.

Todas as criaturas Vos hão-de adorar.
E darão glória ao Vosso Nome, Senhor,
porque sois grande e fazeis maravilhas
só Vós, Senhor, sois Deus.

Ensinai-me, Senhor, vossos caminhos,
afim de que eu seja sempre fiel.
Alegre-se o meu coração no temor do Vosso Nome.

Meu Deus e Senhor, dou-Vos graças de todo o meu coração.
Para sempre louvarei o Vosso Nome.
Porque é grande o Vosso amor por mim
Vós me tirastes das profundezas.

Os orgulhosos, ó Deus, levantaram-se contra mim
a assembleia dos poderosos procura a minha alma,
e não Vos põem diante dos seus olhos.

Mas Vós, Deus de ternura e de bondade
Paciente, misericordioso e verdadeiro,
voltai para mim a Vossa face e compadecei-Vos.

Dai Vossa força a Vosso servo
e a salvação ao filho de Vossa serva.
Mostrai-me um sinal de bondade
para que vejam os meus inimigos e sejam confundidos
porque Vós, Senhor, sois meu auxílio e consolação.

(Talvez o que seja de utilização mais comum pela maior simplicidade e espontaneidade de linguagem).

ORAÇÃO PELO DOENTE

«Olhai favoràvelmente, Senhor, para o vosso servo N., que aqui se encontra doente. Libertai-o de todos os males, tanto espirituais como corporais e dai-lhe a graça de recuperar a saúde que possuia».

IMPOSIÇÃO DA MÃO SOBRE A CABEÇA DO DOENTE

«Hão-de impor as mãos sobre os doentes e os curarão. Que o Senhor Jesus, filho de Maria e salvação do mundo, pela intercessão e méritos de Seus santos Apóstolos Pedro e Paulo e de todos os santos, te seja propício e clemente. Amen».

BÊNÇÃO

A bênção de Deus omnipotente, Pai, Filho e Espírito Santo, desça sobre ti e permaneça para sempre. Amen.

ASPERSÃO DA ÁGUA BENTA

Purificai-me Senhor e tornar-me-ei puro.
Lavai-me Senhor, e ficarei mais branco do que a neve.
Glória ao Pai...

Esta visita infelizmente caiu em desuso; mas a nossa fé na Igreja e na Sua Liturgia, exige a sua restauração. Os membros do Corpo Místico que sofrem representam no meio de nós de maneira eminente a Pessoa do nosso Salvador.

Esta visita é distinta da administração sacramental da Santa-Unção. Por isso pode ser feita por outra pessoa qualquer desde que o faça com a caridade cristã.

Por isso quando o Pároco não pode visitar só por si e com a devida frequência todos os doentes, terá de recorrer à colaboração de leigos piedosos dotados de caridade cristã. É uma das tarefas, e das mais consoladoras das Missionárias Paroquiais. *Algumas já estão a trabalhar. A recompensa será ouvir do Mestre: «Vinde Vós, os benditos de meu Pai, recebei em herança o Reino que vos está preparado desde a constituição do mundo. É que eu estive doente e visitaste-me»* (Mat. 25/34-36).

Portanto compete a todos e a cada um dos cristãos preparar a restauração de tão piedosa e salutar visita, para que a solicitude de Cristo continue a manifestar-se na assistência espiritual necessária no momento da dor.

II — O SACRAMENTO DOS DOENTES

É o sacramento da cura. Por ele, Jesus vai como outrora junto dos doentes, para cuara-se primeiramente, a alma. É o que fundamentalmente importa sarar no homem doente. Uma vez que no mundo há pecado e que a natureza humana está na condição de redenção pela graça, a que é infundida por este sacramento liberta, portanto o doente dos seus pecados.

Mas como a Santa-Unção não é primàriamente sacramento do perdão dos pecados, quando o doente estiver impossibilitado de se confessar, a Unção — «em nome do Senhor» alcançar-lhe-á o perdão dos pecados mesmo venials, purificando a alma e preparando a entrada na glória do Céu.

Outro efeito é o acréscimo de vigor espiritual necessário para a luta derradeira com o desânimo, o desalento, o medo da morte e a desconfiança na misericórdia divina. À fadiga do corpo alia-se a fraqueza da alma, esta fraqueza causada em nós pelo pecado e que actua intensamente sobre o doente.

É nesta circunstância que o inimigo maligno redobra com estratégia os seus ataques e tentações das quais não é a menos forte a desconfiança no perdão de Deus. Pelo sacramento da Santa-Unção o doente fica preparado para reagir cristâmente perante as suas dores. O Concílio de Trento diz que a graça infundida pela Santa Unção, fortalece a alma do doente, fazendo surgir nela uma grande confiança na bondade e misericórdia divinas.

Também se for necessário para o bem da alma, este sacramento pode alcançar a cura do corpo. É evidente que só Deus pode julgar a conveniência... Todavia é preciso reacender a fé na eficácia total do sacramento. Outrora Jesus pedia sempre um acto de fé e confiança, para operar as curas e louvava a manifestação espontânea da fé daqueles que O procuravam *Mat. 8-10)*...

Finalmente como todos os sacramentos, também este exige colaboração da parte dos homens. O perdão de Deus vem na medida do arrependimento, e a cura do corpo, na medida da nossa fé...

CERIMONIAL DO SACRAMENTO DA SANTA UNÇÃO

ENTRADA

Entrando no quarto do doente

— A paz esteja nesta casa.
R. E em todos os que nela habitam.
— Purificai-me, Senhor e tornar-me-ei puro. Lavai-me, Senhor, e ficarei mais branco do que a neve.
Glória ao Pai...

ORAÇÕES PREPARATÓRIAS

— O nosso auxílio está no nome do Senhor.
R. Que criou o Céu e a Terra.
— Dominus vobiscum... R. Et cum spiritu tuo.

Oremus. INTROEAT

Oração a pedir a saúde da alma e do corpo

— Senhor Jesus Cristo, fazei que, juntamente com o Vosso Ministro, entre nesta casa a felicidade eterna, a abundância divina, a alegria da paz, a caridade fecunda e a salvação que não acaba. Que o demónio se afaste, não ousando mais entrar nela. Que os Anjos da paz venham até nós, e que toda a discórdia do mal se retire. Manifestai, Senhor, em nós, a grandeza do Vosso Nome Santo, abençoai esta nossa Acção, santificai a nossa humilde entrada neste lugar, Vós que sois Santo, Vós que sois bom, e que viveis eternamente com o Pai e o Espírito Santo pelos séculos dos séculos. Amen.

Oremus et DEPRECAMUR— Peçamos e imploremos de Nosso Senhor Jesus Cristo, se digne cobrir com as suas bênçãos esta casa e todos os que nela habitam.

Convite à oração, dirigido aos fiéis presentes

Que Ele envie o Seu Anjo para os guardar cuidadosamente, para os levar a bem O servir e a meditar nas maravilhas da Sua Lei.

Que afaste deles todo o poder dos inimigos.

Que os livre de qualquer perturbação ou terror e que se digne conservá-los são e salvos nesta morada. Ele que, sendo Deus, vive e reina com o Pai e o Espírito Santo pelos séculos dos séculos. Amen.

Oremus. EXAUDI NOS.— Ouvi-nos, Senhor Santo, Pai Omnipotente, Deus eterno, e dignai-Vos enviar do Céu o Vosso Santo Anjo para que guarde, segure, assista e defenda todos os que habitam nesta morada. Nós Vo-lo pedimos por Cristo Senhor Nosso. Amen.

Grande súplica de bênção para toda a casa

CONFISSÃO DAS FALTAS

Todos os presentes recitam a CONFISSÃO— Eu, pecador, me confesso a Deus Todo Poderoso, à Bem-aventurada sempre Virgem Maria, ao bem-aventurado S. Miguel Arcanjo, ao bem-aventurado S. João Baptista, aos Santos Apóstolos S. Pedro e S. Paulo, a todos os Santos e a vós, padre, que pequei muitas vezes por pensamentos, palavras e obras: por minha culpa, por minha culpa, por minha máxima culpa.

Portanto rogo à Bem-aventurada sempre Virgem Maria, ao bem-aventurado S. Miguel Arcanjo, ao bem-aventurado S. João Baptista, aos Santos Apóstolos S. Pedro e S. Paulo, a todos os Santos e a voz, padre, que rogueis por mim a Deus Nosso Senhor.

— Que o Deus omnipotente tenha piedade de vós...

— Que o Deus omnipotente e misericordioso vos conceda o perdão, a absolvição e a remissão dos vossos pecados. Amen.

A IMPOSIÇÃO DAS MÃOS

— Em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo: pela imposição das nossas mãos; e pela invocação da Gloriosa e Santa Mãe de Deus, de todos os santos Anjos, Arcanjos, Patriarcas, Profetas, Apóstolos, Mártires, Confessores, Virgens, e de todos os Santos em geral, seja destruído em vós todo e qualquer poder do demónio. Amen.

AS UNÇÕES

O Sacerdote pronuncia esta oração seis vezes, enquanto unge os olhos, os ouvidos, as narinas, os lábios, as mãos e os pés.— Que por esta Santa Unção e pela Sua misericórdia infinita, o Senhor te perdoe todos os pecados que cometeste. Amen.

ORAÇÕES A PEDIR A CURA

— Kyrie, eleison. Christe, eleison. Kyrie, eleison.
— Pai nosso...
E não nos deixeis cair em tentação.
R. Mas livrai-nos do mal. Amen.
— Salvai o Vosso servo.
R. E do alto de Sião protegei-o.
— Sede, Senhor, a sua fortaleza.
R. Contra o inimigo.
— Que o inimigo não tenha poder algum sobre ele.
R. E que o demónio se não aproxime para lhe fazer mal.
— Ouvi, Senhor, a minha oração.
R. E que o meu clamor chegue até Vós.
— Dominus vobiscum. Et cum spiritu tuo.

Oremus. DOMINE DEUS — Senhor Deus, Vós dissestes pela boca do vosso apóstolo S. Tiago: «Alguém de entre vós está doente? Mande chamar os presbíteros da Igreja, que rezarão por ele e hão-de ungi-lo com o óleo no Nome do Senhor, e esta oração feita com fé salvará o enfermo, e o Senhor o aliviará, e se tiver pecados, ser-lhe-ão perdoados».

Nós Vos pedimos, pois, Redentor nosso, pelo poder do Espírito Santo, curai este doente das suas enfermidades, limpai as suas feridas, perdoai os seus pecados, afastai dele toda a dor da alma e do corpo. Concedei-lhe de novo, pela saúde espiritual e corporal a fim de que, restabelecido, graças à vossa bondade, ele possa cumprir os seus deveres de outrora. Vós que, sendo Deus, viveis e reinais com o Pai e o Espírito Santo, pelos séculos dos séculos. Amen.

Oremus . RESPICE QUAESUMUS — Olhai com bondade, nós Vo-lo pedimos Senhor, o Vosso servo, N..., que sucumbe sob a enfermidade, e reanimai esta alma que criastes, a fim de que, experimentado por esta prova, reconheça que os seus remédios provieram da Vossa graça. Nós Vo-lo pedimos por Cristo Senhor Nosso. Amen.

Oremus. DOMINE SANCTE — Senhor Santo, Pai omnipotente, Deus eterno, é espalhando a graça da Vossa bênção nos corpos doentes, que conservais a obra das vossas mãos com infinita bondade. Escutai favoràvelmente a invocação que fazemos do vosso Nome, a fim de que, curada a doença e restituída a saúde ao Vosso servo, seja, protegido pelo Vosso poder, reentregue à vossa santa Igreja com todos os bens que pode desejar. Nós Vo-lo pedimos por Cristo Senhor Nosso. Amen.

A maior parte dos cristãos ignora o valor deste sacramento. Por isso torna-se necessário que seja explicado aos doentes. E para que estes o desejem espontâneamente, é mister que a família o auxilie, criando ambiente de fé na eficácia da Santa Unção.

A Administração do Sacramento dos doentes tornar-se-á, mais fácil e frutuosa quanto mais regulares forem as visitas aos enfermos.

Apesar de não poder ser administrado senão aos gravemente doentes, importa desfazer o preconceito segundo o qual o sacramento é tratado como se de facto fosse a última unção do doente, impedindo a eficácia da graça sacramental.

Por isso a visita do sacerdote deve ser esperada e recebida com uma discreta e confiante alegria. Alegria, porque é a palavra de Deus que vai actuar, a qual mesmo que não cure o corpo, é sempre penhor duma ressurreição sem doenças nem sofrimentos. Após a ressurreição o homem todo — corpo e alma — será feliz na luz plena de Deus.

NOTA DA REDACÇÃO

Este artigo foi inspirado no boletim Paroquial de Santa Maria de Belém (Jerónimos), dedicado ao sacramento da Santa-Unção.

Publicamo-lo não a título de divulgação, mas de sugestão, para que o nosso apostolado em favor dos doentes se desenvolva na linha do sentir da Igreja.

A MISSÃO DE MILÃO

No número de Janeiro de 1958 da revista italiana «Aggiornamenti Sociali», Armando GUIDETTI publica um primeiro artigo sobre a preparação e organização da Missão de Milão, *ali realizada, de 5 a 24 de Novembro de 1957.*

Dado o interesse extraordinário que despertou, na Itália como no estrangeiro, esta iniciativa pastoral do dinâmico e empreendedor Arcebispo daquela cidade, Mons. João Baptista Montini, antigo Pró-secretário de Estado do actual Pontífice, vamos procurar dar aqui um resumido apontamento dos mais salientes aspectos do referido artigo.

Um dos pontos que mais concitou a atenção geral foi, além da seriedade, extensão e profundidade do empreendimento, o da antecedência e minúcia com que foi preparado. Com efeito, a ideia da Missão foi lançada em Janeiro de 1956, ou seja, *quase dois anos antes* da sua realização.

SITUAÇÃO RELIGIOSA DA CIDADE

A cidade de Milão tem 1.669.845 habitantes, numa área de 181 741 529 m.², o que dá uma densidade populacional de 7300 pessoas por km.².

O número de paróquias é de 126, das quais três correspondem cada uma a um grande bloco hospitalar.

Segundo as diferenças que entre elas são mais marcadas, podem agrupar-se em três zonas: urbana, ou da antiga cerca (29 paróquias), suburbana, antigamente chamada do Corpo Santo (49) e das comunas anexadas à cidade (45).

A divisão eclesiástica obedece, porém, a um outro critério. Com o centro na Catedral, a cidade está dividida em seis sectores, mais ou menos triangulares, com base na periferia, que têm o nome das antigas *portas* da cidade: Oriental (29 freguesias) Romana (16), de Ticino (17), Vercelina (22), Comasina (27), e Nova (12). A cada «Porta» preside um Prefeito , nomeado pelo Arcebispo dentre os monsenhores da Diocese.

A população das paróquias é muito variável, pois há-as com poucas centenas de almas (Santa Tecla, S. Gotardo do Palácio, etc.), enquanto outras têm 10/15 mil, 15/25 mil, 30 mil e até mais de 40 mil (S. Francisca Romana, S. Pedro «in Sala»).

Quanto à prática religiosa, que em algumas freguesias é de 50, 60 e mesmo 65 %, no geral é muito mais baixa, cifrando-se a média nos 25/30%.

Deve ainda ter-se em conta que existe uma grande soma de *anticlericalismo,* que bem pode aferir-se pela força dos partidos políticos que não temem dizer-se ateus

ou anti-religiosos, e de *agnosticismo religioso,* não só porque assim acontece em todas as grandes cidades, mas também porque Milão foi a pátria do liberalismo italiano, especialmente do teórico, o mesmo é dizer agnóstico, indiferente, desconfiado de tudo o que é eclesiástico e religioso. Isto invade até as pessoas relativamente cultas, habituando-as ao *laicismo* e levando-as a considerar a religião como questão privada, discutível, duvidosa, questão da Igreja e dos padres, mas não questão vital, nem divina.

FORÇAS DISPONÍVEIS

Mons. Montini, para levar por diante o seu grande empreendimento pastoral, sabia que podia contar: 1) com o *zelo e actividade do seu clero,* dos mais preparados de toda a Igreja; 2) com as *organizações católicas da cidade,* ricas de iniciativas, de ideias e de dedicação; 3) com a ainda relativamente razoável *receptividade religiosa* dos milaneses; 4) com a heroicidade de alguns cristãos.

OBJECTIVOS E MÉTODO

Do exame da situação religiosa da cidade nasceram os objectivos a atingir com a missão e os métodos e características dela.

Em diversos documentos, entre os quais uma notável carta pastoral publicada na quaresma de 1957, Mons. Montini sintetizou assim os fins a alcançar:

a) acordar em todos o sentimento religioso, trazer os afastados à união;

b) estabelecer a vida apostólica e pastoral sobre o conhecimento real e não convencional da cidade;

c) promover uma «conspiração» de todas as forças católicas, concentrando a acção de todas elas;

d) converter os corações;

e) semear, não recolher; «espalhar métodos, ideais e fermentos novos com a maior largueza e depois deixar que o tempo e sobretudo a Providência os fecundem».

Quanto ao método, sabido é que o c. 1349 do Código de Direito Canónico, mandando que as missões se realizem pelo menos cada dez anos, é omisso a tal respeito, deixando inteira liberdade de iniciativas, formas, e inovações.

No caso de Milão, a simultaneidade da missão em todas as paróquias da cidade, o objectivo especial de atingir os afastados da Igreja, a sensibilidade e cultura dos milaneses e outras circunstâncias particulares exigiam um *método absolutamente novo,* que se foi elaborando na mente dos organizadores e adquiriu forma no tema geral proposto para a prègação e nas características que se quiseram imprimir a todo o trabalho.

TEMA DA MISSÃO. CARACTERES DA PRÈGAÇÃO

O tema centrou-se em três aspectos fundamentais: a) tornar presente às almas a essência das nossas relações com Deus; b) fazer esta apresentação tal como foi revelada por Cristo; c) dar a conhecer Deus Pai, a um tempo transcendente e íntimo. *Dar a conhecer o Pai,* foi o «slogan» religioso da Missão, e o *Pai Nosso* a oração oficial.

O período da missão foi repartido por três semanas: 5 a 10 de Novembro, jovens (até 14 anos) e doentes dos hospitais; 10 a 17, mulheres; 17 a 25, homens.

O tema geral subdividiu-se em sete *temas particulares para as meditações,* um para cada dia da semana, a cada um dos quais correspondia um exame prático:

1) meditação: Deus Pai; exame: deveres para com o Pai; 2) O Sentido de Deus na vida; A relação com Deus Pai; 3) Jesus Cristo, revelador do Pai; O baptismo; 4) A fuga do Pai; A Confissão; 5) O regresso ao Pai; A Família, imagem do amor do Pai; 6) A Igreja, caminho para o Pai; A Paróquia; 7) Esperando o Pai; A actividade profissional, vontade do Pai.

A prègação missionária asumiu, assim, *caracteres particulares,* impostos pelo tema e pelas exigências duma grande parte da população, «cujo melhor tecido espiritual se desintegrou, em quem a dúvida devastou a alma: muitíssimos são, não só tíbios, mas incrédulos».

Tais caracteres podem resumir-se dizendo que se requeria uma prègação: a) eminentemente interior e espiritual; b) teológico-bíblica, não puramente apologética; c) essencial e vital; d) simples e enérgica, aquecida pelo amor das almas. «Que pelo saia desta Missão — disse Mons. Montini aos prègadores — uma só palavra que ofenda as almas, porque às almas, queremos salvá-las, queremos chamá-las para Cristo e não afastá-las d'Ele».

SECRETARIA DA MISSÃO DE MILÃO

Imediatamente se constituiram, para levar por diante um esquema de Missão tão novo como apostólico, *quatro comissões de estudo* (prègação; organização; finanças; imprensa e propaganda), a breve trecho substituídas pela «*Secretaria da Missão de Milão*», chefiada pelo Bispo auxiliar da diocese, Mons. Pignedoli, organismo que chamou a si todo o trabalho, central e periférico.

Do que foi este labor, dará uma pálida ideia o que se diz sobre a preparação próxima, deixando ao leitor o imaginar a trama de correspondência, publicações e avisos entre a secretaria, os párocos, os prègadores, as comissões especiais, etc.

PREPARAÇÃO PRÓXIMA

1. Cursos de teologia para leigos

Em Novembro de 1956 começaram *cinco cursos de teologia para leigos* em diferentes locais, abrangendo os sete temas da Missão e buscando tornar os ouvintes (mais de 600, de ambos os sexos, quase todos militantes da A. C.) capazes de os exporem, ao menos a grupos restritos. A par do curso, houve cinco *lições extraordinárias,* concorridíssimas, proferidas pelos cardeais Siri e Lercaro (este ensinou «Como falar aos homens de hoje»), P.e Júlio Bevilacqua, oratoriano («Cristo contemporâneo»), Mons. Carlos Journet («A Igreja do Pai»), Mons. João Colombo e pelo próprio Arcebispo de Milão.

Houve ainda um curso especial de *técnica de exposição dos temas,* para os leigos (cerca de 320) que se ofereceram para o apostolado da palavra nos meios mais difíceis.

2. *A Missão e as Escolas*

Os alunos de instrução primária (120.000 nas cinco classes) tiveram a Missão nas próprias escolas. Os dos três primeiros anos do ensino médio, liceal e técnico, (70.000) nas igrejas mais próximas em hora fixada. Os missionários desta enorme população escolar foram 470 sacerdotes e 130 clérigos.

A preparação fôra cuidadosa: distribuiu-se a cada pequeno um *calendário da Missão,* com o convite e espaço para a menção duma boa acção diária; criou se o *Diário da Missão,* bem imaginado caderno colorido, que facilitou a actividade pedagógica dos dias de Missão, atribuindo-se uma viagem a Lurdes como prémio a cada um dos 10 mais bem preenchidos; houve um directório especial para os missionários, que desenvolvia o Pai_Nosso.

Em obediência à lei, as actividades da Missão nos edifícios das escolas foram concertadas com as autoridades escolares, antecipando-se e concentrando-se na semana da Missão todas as horas de ensino religioso previstas normalmente ao longo do ano, transferência que não deixou de escandalizar certos sectores da imprensa italiana (comunistas, socialistas, liberais...), que quiseram ver nisso um atentado à liberdade da consciência, uma intromissão da Igreja na escola italiana, e mais ainda...

3. *Hospitais e clínicas*

Setenta pregadores, tdos religiosos, atingiram os 52 hospitais e clínicas da cidade (3 estão erectos em paróquias, como se disse), e os seus 15.000 doentes e bem assim os médicos, enfermeiros, pessoal de serviço, etc.

4. *Categorias especiais*

A Missão foi principalmente paroquial. No entanto, tornou-se necessário, para atingir meios e sectores muito afastados, atender a exigências particulares de sensibilidade e cultura e resolver dificuldades reais, organizar a prègação a categorias especiais, do que se encarregou uma comissão de sacerdotes e leigos. Esta comissão fez os necessários apuramentos estatísticos (número de pessoas de cada categoria: artistas, advogados, jornalistas, professores universitários e doutros graus de ensino, funcionários municipais, pessoal dos transportes colectivos, etc.), preparou os locais dos 43 cursos, e enviou os convites individuais, com a indicação precisa do dia, hora, local, etc.

Da pregação ocuparam-se 2 Cardeais (o Card. Siri, aos directores de empresas e o Card. Lercaro, aos jornalistas e escritores),, 3 Bispos, 25 sacerdotes diocesanos e 10 religiosos.

Houve, além disso, Missão para os oficiais e sargentos, bem como em todas as casernas, inclusive dos bombeiros. Igualmente nas prisões. E até as colónias estrangeiras de língua francesa e alemã beneficiaram de pregação especial nos respectivos idiomas.

5. *A Missão nas Paróquias*

Dois objectivos se divisaram, para a oportuna organização da missão nas paróquias: a preparação dos fiéis e o recrutamento e distribuição dos pregadores, de harmonia com as exigências concretas de cada freguesia.

a) Preparação dos fiéis

Constituiram-se, para o primeiro fim, *Comissões paroquiais* da Missão, sob a orientação dos párocos e formadas por representantes das obras católicas de base paroquial, destinadas a porem as freguesias «em estado de missão», assegurando a ligação com a Secretaria Central, promovendo iniciativas particulares, etc.

Cada comissão organizou o elenco de todos os filiados nas obras católicas da freguesia e dos paroquianos activos, repartindo-os por quarteirões, à frente de cada um dos quais pôs um responsável e manteve a par de todas as iniciativas as direcções e os membros das ditas obras, difundindo o material e as publicações da Secretaria Central, etc.

Numa segunda fase, estabeleceram-se contactos com os porteiros dos prédios, para captar a sua benevolência e estudaram-se iniciativas diversas, particularmente o modo de entrar em contacto com todas as famílias e também com os dirigentes dos grandes aglomerados (fábricas, grandes armazéns, escritórios das grandes companhias), para o caso de excepcionalmente se tornarem necessárias, além da pregação paroquial, reuniões especiais nos próprios locais de trabalho.

O contacto com as famílias iniciou-se com a bênção das casas, que no ritual ambrosiano se faz nas semanas que precedem o Natal. Por essa ocasião (Advento de 1956), foram distribuidos o «Ritual da Família», a carta pastoral de Mons. Montini acerca da Missão e uma pequena imagem natalícia (num total de cerca de meio milhão de exemplares de cada).

Durante a Quaresma, tratou-se de tornar mais activa a participação dos fiéis na Santa Missa, pela dialogação (também se editaram e distribuiram para o efeito um pequeno folheto e um opúsculo mais desenvolvido). No mês de Maria, a pregação voltou a insistir no anúncio e na preparação da Missão.

Até durante as férias, e foi a terceira fase, o trabalho prosseguiu: nos mais importantes centros turísticos e de vilegiatura frequentados por milaneses, afixaram-se cartazes da Missão e os párocos de tais lugares foram solicitados a falar dela. O próprio bispo auxiliar, Mons. Pignedoli, percorreu os centros mais concorridos da Riviera, dos lagos, etc., falando da Missão nas Missas dominicais ou noutras ocasiões adequadas.

Por fim, nos dias que antecederam imediatamente a pregação, todas as famílias foram avisadas pelas comissões paroquiais, que também se ocuparam de todo o mais para o bom êxito da Missão (arranjo da Igreja — e muitas renovaram os bancos, a iluminação, etc. — serviço de ordem e informações e até um serviço automóvel para o transporte de prègadores e confessores.

Paralelamente a este trabalho, realizou-se outro de não menos importância, *o aperfeiçoamento e actualização dos ficheiros paroquiais,* mediante o qual as comissões das freguesias ficaram habilitadas a indicar à Secretaria Central qual o tipo de pregação mais adequado.

b) Recrutamento e distribuição dos pregadores.

Num primeiro tempo, a Secretaria Central solicitou aos Ordinários de 33 dioceses, sobretudo italianas e aos superiores gerais de 20 ordens e congregações religiosas, ajuda em pessoal para a grande Missão. Responderam 16 dioceses e a totalidade das ordens e congregações, indicando os nomes dos prègadores escolhidos e capazes para o trabalho específico da Missão.

Depois, distribuiu-se a todos os párocos um questionário que, respondido, indicava a fisionomia peculiar da paróquia, número de prègadores, tipo preferido de pregação (elevada, média, popular), e o tipo de pregador desejado (secular ou religioso e, neste caso, de que ordem ou congregação).

Com isto, foi relativamente fácil a distribuição. O responsável geral dos missionários por cada diocese coadjuvante ou por cada ordem ou congregação (designado pela Secretaria Central), conhecedor dos dotes oratórios e qualidades de cada um dos seus missionários, recebeu o questionário relativo à paróquia ou paróquias que lhe foram entregues. Estudadas «in loco», com o pároco, as exigências concretas, as dificuldades, etc. formecia o número requerido de missionários, designando um deles como responsável do grupo, para efeitos de relações com a Secretaria e com o pároco, distribuição de trabalho aos colegas, etc.

Em ordem à «formação» dos missionários para este novo tipo de missão, 350 dos futuros pregadores reuniram-se em 11 de Junho de 1957 com Mons. Montini, que lhes deu algumas linhas de orientação e as razões da necessidade da presença de tantos e tão escolhidos pregadores. Cada um deles recebeu o «Directório da Pregação» e todas publicações informativas, bem como lhes foram periodicamente enviadas circulares com o intuito de lhes fazer compreender, cada vez melhor, a originalidade da Missão e os seus objectivos precisos.

Foi notável e merece menção o *esforço de adaptação* de todos eles, integrando-se no espírito e fins da Missão e renunciando, tanto aos temas tradicionais de pregação, como às manifestações exteriores (procissões eucarísticas, vias-sacras, renovação das promessas baptismais, etc.) que constituem parte essencial e provada do método missionário de algumas ordens e congregações, especialmente dos Passionistas, Redentoristas, Jesuitas, Lazaristas, etc. Alguns mesmo (Capuchinhos, Passionistas, Lazaristas, Jesuitas, etc.) promoveram entre si reuniões de estudo sobre os temas da missão e prepararam guias auxiliares ciclostilados, muito úteis.

Das 126 paróquias da cidade, organizaram a missão 121 (as três de base hospitalar tiveram-na à parte e as duas menos populosas indicadas no princípio não a organizaram por razão dessa mesma exiguidade). Em compensação, 7 igrejas não paroquiais promoveram-na como se o fossem.

Ao todo, utilizaram-se 302 locais (igrejas, salões paroquiais, etc.) em 720 sessões, em que foram empregados 21 bispos, 83 sacerdotes das 16 dioceses coadjuvantes e 368 religiosos.

Quanto às confissões, porque se previa grande afluência, recrutaram-se cerca de *500 confessores,* seculares e religiosos, além dos pregadores e do clero paroquial que uns e outros auxiliaram neste ministério.

Os párocos, no questionário já referido, haviam indicado também o número de confesores que se supunham ser necessários, e os dias, horas e locais em que deviam comparecer.

A preparação incluiu também a elaboração dum *Directório da Confissão*, que além de permitir a uniformidade dos critérios e da actuação de todos os confessores, chamava a atenção para algumas considerações de ordem prática e para as faculdades especiais concedidas por ocasião da Missão.

ORLANDO LEITÃO

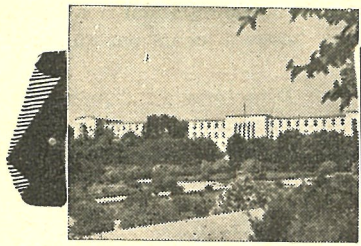
RUMOS NOVOS NA PASTORAL EM PORTUGAL

Na semana de 3 a 8 de Fevereiro passado, realizou-se no Seminário de Portalegre um Curso de Sociologia religiosa em dois turnos de três dias. Dirigiu o curso o Cónego Boulard, o antigo pároco da aldeia que se tornou na maior competência em matéria de sociologia religiosa ordenada à pastoral.

A iniciativa partiu do Bispo diocesano. O curso estava integrado num movimento de renovação pastoral que se nos afigura verdadeiramente revolucionário. Tinha como finalidade imediata preparar o clero diocesano para um vasto inquérito à situação religiosa na Diocese, levado a cabo com rigor científico. Tal inquérito, segundo expôs o Cónego Boulard, é condição necessária para realizar a unidade de vistas do clero em matéria de acção pastoral e para fundamentar um movivmento de renovação da pastoral paroquial exigida pelas novas condições de vida social e pelo facto da descristianização crescente.

A experiência da diocese de Portalegre aproveitará a todo o País. Parece-nos que nenhuma outra diocese de Portugal apresenta condições melhores para essa experiência: diocese de tamanho médio (em população), com três regiões bastante diferenciadas (a de Castelo Branco que simtetisa as dioceses do Norte; a de Portalegre qu sintetisa as dioceses do Alentejo; a de Abrantes que intetiza as regiões ribatejanas e industrializadas do centro do País), com um clero exemplar e aberto aos problemas que a vida moderna põe à Igreja e com um Bispo bem conhecido pelo seu espírito de Fé e dinamismo.

Praza a Deus que tal iniciativa — que quase passou desapercebida da opinião católica portuguesa — seja encarada abertamente por quem tem responsabilidades apostólicas e pastorais. Não nos parece exagero afirmar que se trata de um dos mais promissores acontecimentos da vida da Igreja em Portugal nestes últimos tempos.



CRÓNICA

Uma crónica narra factos, eu sei. Se os encarar apenas em si, separados do condicionalismo que os motivou, descrevendo-os com o determinismo de uma pedra que cai ou de um som que troa, ela não será por isso menos crónica; transformar-se-á talvez em «cronicão» sabendo à poeira amarelenta de arquivos em ruinas. Mas se em vez de descrever factos, ela comunicar actos com toda uma ambiência existencial que os envolve, ela tornar-se-á viva e mais do que narração, ela será um testemunho. Mas neste «advento» de Páscoa florida, isso será impossível sem nos reportarmos à natureza que começa ainda em plena Quaresma a entoar aleluias de vigor e frescura, ecoando pela imensidão do céu azul. Há entre a natureza e a Liturgia qualquer laço invisível que as faz, de mãos dadas, projectarem-se e projectarem-nos para a grande alegria da Ressurreição. A penitência cristã só tem sentido vista à luz das alegrias pascais, e por isso mesmo terá mais sentido feita na limpidez de um céu azul ou na claridade de um sol brilhante.

Nas actividades académicas teve especial relevo a «conversa» do Dr. Pedro de Andrade subemetida ao tema «união europeia». A sessão foi aberta pela leitura de textos de S. Santidade Pio XII, referentes ao assunto. Focou-se bem que «a Europa unida não se pode construir sobre uma ideia abstracta. Ela terá que fundamentar-se infalìvelmente na união entre religião e civilização. Uma Europa cristã, criada e civilizada por cristãos, não poderá jamais unir-se à volta de um núcleo que não seja o Cristianismo.

O Dr. Pedro de Andrade propôs em seguida três pontos a discutir sucessivamente: maneira prática de pôr o problema; realizações originadas nesta ideia; a posição de Portugal face ao movimento unificador da Europa.

No dia 14 de Fevereiro honrou-nos com a sua visita o Eminentíssimo Cardeal Quiroga y Palácios Arcebispo de Compostela. Acompanhdo do nosso Eminentíssimo Prelado, Sua Eminência foi esperado à entrada do edifício por toda a comunidade.

N dia 16 o Frazão honrou a academia dos filósofos com um bom trabalho sobre teatro. E na tarde desse mesmo dia, tivemos entre nós o Sr. Dr. Domingos Maurício, que nos fez uma conferência submetida ao título «Cultura Sacerdotal». Em bom método escolástico, Sua Rev.ma começou por nos dar uma noção exacta de cultura, seguindo uma escala ascendente: cultura humana, cultura cristã, cultura sacerdotal. Focou depois que a cultura não consiste sobretudo num acumular de conhecimentos, mas sim numa vivência desses conhecimentos, terminando finalmente por enunciar as realidades que devem constituir para o padre objectos de cultura.

No dia 2 de Fevereiro, para encerrarmos a quadra litúrgica da Epifania, representou-se um «Auto dos Três Reis Magos» do dramaturgo francês H. Ghéon Peça destinada a crianças, nem por isso deixou de agradar a grande parte da assistência.

No dia 21 foi a vez da música. O Sr. Padre José Ferreira e um grupo por ele ensaiado, resolveram deliciar-nos com algumas canções do nosso folclore regional. Assim passaram ante nós, como que em sonho, o Minho com a sua frescura, a Beira com a sua «singeleza», o Alentejo com a sua solidão e finalmente os Açores com o verde dos seus olhos,

constantemente mergulhados na imensidão do Oceano. A este serão artístico não faltou a presença do Sr. D. António de Campos e D. José Pedro da Silva.

A academia de Santo António voltou a reunir para o João Rodrigues nos falar sobre o infinito na matemática e na física. Tendo feito algumas considerações de ordem filosófica, passou imediatamente ao campo da matemática, mostrando-nos que se consegue «dominar» razoàvelmente o infinito. No campo da física falou das recentes teorias do espaço. No campo da filosofia, finalmente, abordaram-se problemas como o da possibilidade da criação de uma multidão infinita de estrelas, ou a criação do mundo «ab aeterno».

Sob a orientação do Sr. Dr. Fernando Maurício, estão a chegar ao nosso Seminário valorosos elementos dos arquivos paroquiais. Veneráveis pergaminhos, trazendo marcados, em manchas de respeitável poeira, os estigmas de alguns séculos, irão constituir matéria de trabalho para os naturalmente investigadores.

E para além disto, vem o que não cabe numa crónica, a vida do dia a dia, com suas alegrias e tristezas, sofrendo com alegria, alegrando-nos com o sofrimento, caminhando para a Páscoa, onde em uníssono com toda a Igreja, cantaremos triunfantes a alegria da humanidade resgatada.

J. POLICARPO

ARTIGOS RELIGIOSOS

PARA REVENDA E PROPAGANDA

Casa de S. José-Porto

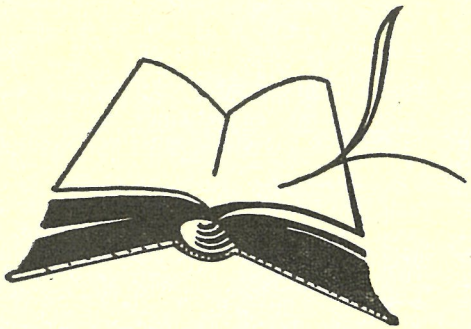
(FUNDADA EM 1896)

168, RUA DAS FLORES, 170

TELEFONE: 22886

Visitai esta casa, apreciai o seu sortido e confrontai os seus preços!

Descontos especiais para as Missões Católicas



Livro novo

CAMINHO

José Maria Escriva

Como escreve Urbano Duarte no prólogo desete livro «a vida moderna é dinâmica e seca». Daí o espantoso perigo de o homem se esquecer de si próprio.

E esquecendo-se de si próprio perde o sentido da existência. Torna-se exigitivo, sobretudo hoje, um retorno às profundidades do ser humano.

Se alguém tem uma ambição grandiosa de ser verdadeiramente homem, tem de corrigir as suas perspectivas, atirando-se para a linha do horizonte infinito.

«Caminho» é uma sacudidela no torpor que adormece as consciências, ainda os mais bens intencionados. Já vai longe o dia, em que Deus era o grande esquecido. Nessa hora, era o homem quem reinava. Mas, graças ao Deus Bom, esse tempo vai longe. Hoje, o homem realiza-se em Deus, por Cristo.

Eis Jesus, que começa a fazer parte da vida dos homens. As almas têm sede. Todos temos fome e precisamos de mais. Cristo é o Mais da vida humana. Ele é a sublimação radiosa desta natureza enfraquecida. Mas quando entra em nós, e nos arranca do sono, exige que nos ponhamos em sentido.

«Caminho» é essa voz amiga, é «semente de meditação» — que queima as raízes apodrecidas e estéreis, e dá paisagens punjantes.

Seja para quem for, é um livro viril dinâmicamente espiritual. Traz consigo uma exigência que talvez seja dificuldade: é preciso saber lê-lo para haurir doutrina. Nos intervalos dos parágrafos, cala-se o autor e... pensa o leitor. E chegará à última letra com a alma em fogo. Porque Criso abrasa...

A edição bem apresentada, é atraente.

DIAMANTINO F. TOJAL

CONSTRUÇÕES CIVIS **CONSTRUÇÕES INDUSTRIAIS**

OBRAS PÚBLICAS

Rua do Forno do Sol-11-C (à Graça)

LISBOA Telef. 860563

RUA INFANTE D. HENRIQUE
PORTO

ROSSIO, 93-2.º
LISBOA

FERREIRINHA

VINHO PARA MISSAS

Preparado conforme norma canónica e com a aprovação de Sua Ex.ª Rev.ma o Sr. Bispo do Porto



FUNDADA
EM 1756

"Genáculo"

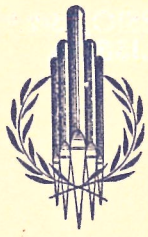
VINHO PARA MISSA

Com a aprovação de S. Ex.ª Rev.ma o Snr. Bispo do Porto

REAL COMPANHIA VELHA

PORTO
Rua das Flores, 69

LISBOA
Praça dos Restauradores, 14



ÓRGÃOS PARA MÚSICA SACRA

WURLITZER ORGAN

O órgão aprovado pelo

Vaticano

CASA RUVINA Rua Formosa, 173 — PORTO

JÚLIO GOMES FERREIRA & C.ª, L.DA

Casa fundada em 1832

ESTABELECIMENTO: 166—Rua do Ouro—170 OFICINA: 17—R. S. Tiago—19

Tudo para iluminação

ELECTRICIDADE — ÁGUA — GAZ — AQUECIMENTO

Defenda a sua vista

USANDO LENTES E ARMAÇÕES DE 1.ª QUALIDADE

****

Casa especializada na execução de receitas médicas

****

★

****

Óculos, Estojos, Lupas, Binóculos, Termómetros, Barómetros, etc.

****

OPTICAL, L.DA

Portas S.to Antão, 30-2.º—LISBOA—Telefone 367762
(Antiga Rua Eugénio dos Santos)

Concedemos o desconto de 40 % a todo o Ex.mo Clero e Família

M. d'Oliveira & Marques, L.da

Praça dos Restauradores, 65-1.º
TELEF. 30876 – LISBOA

SECÇÃO DOS TECIDOS PRETOS R.M.

Tecidos para o Rev.º Clero e seminaristas.

◆

Elasticotines — Sarjas — Tropicais — Casemiras — Merinos Sobretudos

◆

Alfaiataria—Capas—Gabardines

◆

Condições especiais para Finalistas

SECÇÃO DE LIVRARIA

Livros estrangeiros - Edições próprias

◆

Revistas estrangeiras: Lumen Vitae Foyer Notre Dame—Famille et College - Ecclesia - Panorama Chrétien, etc.

◆

Filmes fixos e de movimento: (Catequese—ensino—divertimento)

◆

Máquina de escrever «Antares Micron»

◆

Máquinas de Projecção

